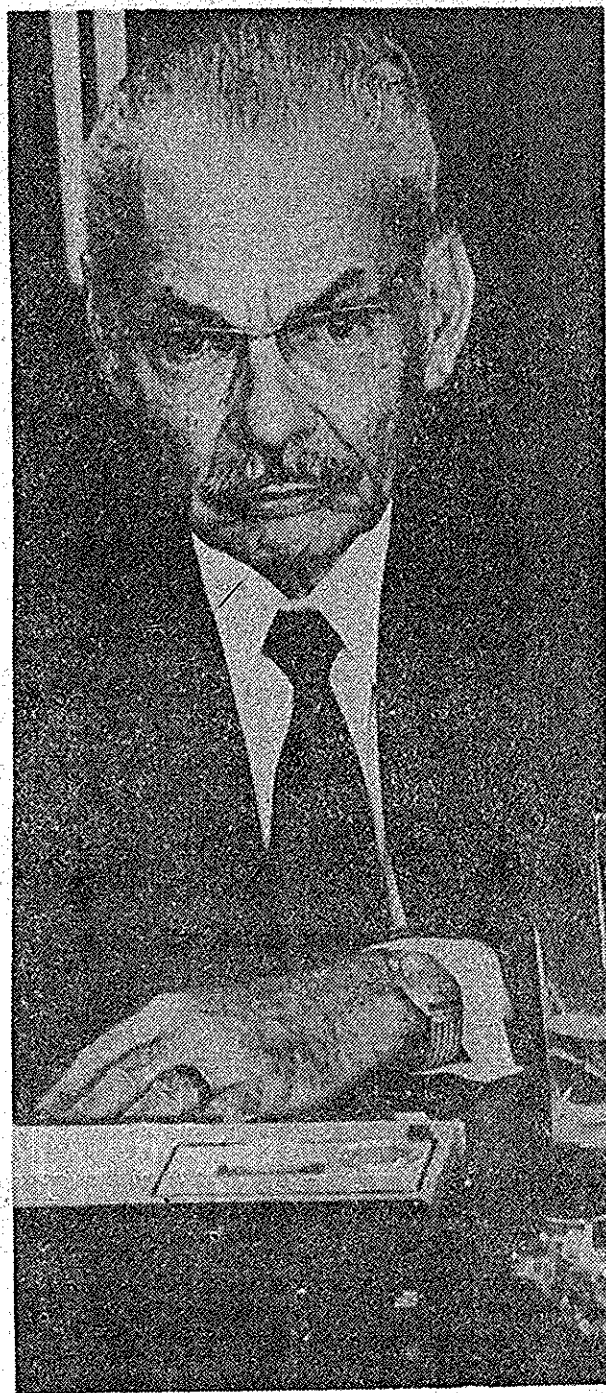


**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 73  
Data: 03.02.73 Pg.: 11



Telefoto Sucursal de Brasília

Bandeira ouve a gravação do relato de Duarte

# Após a vingança os índios mostram um gesto de paz

Do correspondente em Manaus  
e da Sucursal de Brasília

Num sinal de que "não querem mais guerra", os índios waimiris-atroaris receberam ontem, amistosamente, o sertanista Gilberto Pinto, que conseguiu descer num hidroavião na foz do rio Santo Antonio do Abunari. Nesse ponto está o posto da Funai, no qual o sobrevivente da chacina indígena conseguiu condução para chegar a Manaus. As informações do sertanista foram transmitidas pelo rádio.

"Pai Gilberto", como é chamado pelos atroaris e waimiris, disse que os indígenas estavam acompanhados de suas mulheres e filhos, o que é um autêntico gesto de paz. "Trocamos presentes — disse o sertanista — por iniciativa do chefe do grupo. Acho que eles ficarão acampados aqui por mais algum tempo".

Gilberto Pinto desceu no rio Santo Antonio do Abunari, num hidro-avião particular, depois de voar sobre a região do rio Alalaú, onde foi feita a chacina. Fazendo vãos ruzantes, ele informou que pôde ver apenas o velho barracão que servia de subposto da Funai queimado. É uma área desmatada de quase dois metros quadrados. Não viu sinais de corpos. Acredita que tenham sido devorados pelas onças ou jogados no rio Alalaú pelos indígenas.

Gilberto Pinto disse que não irá agora ao local da chacina porque precisa preparar o terreno e sentir as intenções dos índios, que, embora amistosos, podem estar ainda desconfiados. Mas até segunda-feira deverá estar seguindo para o local, a pé, para fazer um levantamento da situação.

"A situação aqui parece normal e calma, disse Gilberto Pinto ao descer no posto da Funai. Os índios foram amistosos e me receberam sem qualquer ressentimento ou gestos agressivos". O sertanista disse que os índios ficaram admirando-o por muito tempo

## Familiares culpam a Funai

Dos funcionários da Funai mortos pelos indígenas apenas um não era índio aculturado e, sim, caboclo amazonense. Trata-se de Altamir Cardoso de Aguiar, mateiro profissional que já havia trabalhado na Petrobrás e há seis meses estava na Funai. Sua mãe, Gervice Cardoso de Aguiar, não se conforma com a morte do filho.

Porém, o mais revoltado é seu irmão, Diogo Cardoso de Aguiar, de 24 anos, trabalhador braçal. Ele culpa diretamente a Funai pela morte do irmão e disse que "um homem não pode enfrentar um índio sem estar armado". "Os três funcionários — afirmou Diogo — estavam lá, sozinhos, sem armas e esquecidos pela Funai.

e perguntando sempre porque havia demorado tanto em aparecer. Conversou com um dos chefes do grupo de indígenas e ofereceu-lhe presentes: facões, roupas e latas vazias. Depois os índios lhe entregaram arcos e flechas.

O general Antonio Coutinho, delegado da Funai em Manaus, explicou ontem aos jornalistas que demorou em informar à imprensa sobre a chacina dos indígenas porque "casos desse tipo devem ser levados no mais absoluto sigilo, já que envolvem assuntos de segurança nacional". Acentuou que uma informação precipitada poderia "deturpar os fatos".

Salientou que todas as providências foram tomadas pela Funai para o possível resgate dos cadáveres, mas isso só será possível com o auxílio do Parasar, que deverá chegar hoje a

Manaus, com os helicópteros que vêm de Belém.

### RELATO

Em Brasília, o presidente da Funai, general Bandeira de Mello, ouviu ontem toda a gravação do relato do sobrevivente da chacina, Luis Duarte. Índio sateré aculturado, Luis Duarte foi apresentado aos fotógrafos em Manaus somente ontem, depois de ficar cinco dias com a Funai.

Trajando uma calça de nylon cor de vinho, camisa de tergal com bordados extravagantes e sapatos na moda, Luis Duarte disse, entre sorrisos, que escapou da morte "por um milagre". Luis é baixo, tem 1,65 m. Afirmou que rezou muito, enquanto ficou na casa, tentando evitar as chamas.

Falou pouco, "porque tudo que sei já contei ao general".

Isso é o mesmo que jogar um ser humano às feras".

Diogo lamenta também o fato de a Funai não ter dado notícia da morte do irmão imediatamente, mas só depois de 15 dias. "Por que eles não disseram logo?"

O pai de Altamir também é mateiro e trabalha no desmatamento da BR-174, Manaus-Caracará. Sua mulher calcula que ele possivelmente já esteja sabendo da chacina, porque as obras na estrada foram paralisadas desde o dia da chacina como medida preventiva para evitar um contato dos indígenas com os trabalhadores, o que poderia ser pernicioso.

### CINEGRAFISTA

Luis Duarte, o sobrevivente

do ataque, disse ontem que a presença do cinegrafista francês Paul Lambert entre os índios nada tem a ver com a atitude hostil dos indígenas. Para ele, o único culpado é realmente o mateiro Celso Maia, por quem os índios procuraram no subposto do rio Alalaú.

Segundo Gilberto Pinto, que também acompanhou Paul Lambert em sua expedição, os grupos waimiri-atroaris, por ele filmados, mostraram-se simpáticos ao francês, embora se assustassem com a câmera. Gilberto Pinto acredita que a chacina foi vingança dos índios, em consequência dos abusos cometidos por Celso Maia, a quem classificou de "mau caráter".